

W. E. B. DU BOIS

Apresentação

W. E. B. Du Bois: Marx, o marxismo e o comunismo

SÁVIO CAVALCANTE*

Embora produzidos em contextos muito distintos de sua extensa, diversa e impactante trajetória intelectual e política, os três artigos e a carta de William Edward Burghardt Du Bois (1868-1963) que compõem este pequeno dossiê têm como objeto a figura intelectual e política de Karl Marx, a teoria marxista e os movimentos socialista e comunista.

Du Bois foi um dos intelectuais e militantes mais ativos e importantes da longa, e ainda em curso, luta política e produção de conhecimento comprometidas contra a exploração econômica, a violenta opressão racial e a privação de direitos a que foram submetidas populações negras diaspóricas (e outros grupos não brancos) nos EUA e em outras partes do mundo.

Sem contar os trabalhos em parceria, foram vinte e um livros, de diferentes gêneros literários, publicados em vida. Uma obra vasta que nunca esteve dissociada da luta social e do debate público mais amplos sobre temas e conflitos que forjaram não apenas sua trajetória como intelectual negro, mas expressam de algum modo a própria experiência coletivamente construída pelas diversas formas possíveis de resistência ao racismo constituinte e constitutivo da modernidade capitalista.

Tão extensa quanto sua obra e formas políticas de engajamento é a interpretação de seu legado para a teoria social e para o movimento antirracista, o que se explica por incursões distintas – às vezes sobrepostas e até mesmo conflitivas – que marcam

* Professor do Departamento de Sociologia (IFCH/Unicamp). Pesquisador do Centro de Estudos Marxistas (Cemarx) e do Centro de Sociologia Contemporânea (CSC), ambos do IFCH/Unicamp. E-mail: saviomc@unicamp.br

sua trajetória: a personificação de uma esperança liberal democrática que pressupunha a efetivação das promessas de igualdade e liberdade por meio da superação da “linha de cor”¹ com o avanço da ciência, educação e conscientização liderada pela elite negra – como expresso no projeto do *Talent Tenth*² e/ou por organizações de luta pelos direitos civis, políticos e sociais da população negra nos EUA; a formação transnacional do pan-africanismo e do apoio às lutas anticoloniais; uma proposta de autosegregação da população negra como forma de defesa e alternativa ao fracasso de programas de integração social; a participação, direta ou indireta, no movimento socialista e comunista estadunidenses e internacionais; a atenção às lutas por ampliação dos direitos civis e políticos das mulheres; a militância pela paz e pelo desarmamento nuclear e contra o macarthismo no contexto da Guerra Fria, entre outros.

Seria impossível, aqui, esgotar os caminhos tomados, as nuances e a complexidade de cada posição e conjuntura. Sugerimos, a seguir, algumas informações e bibliografias para contextualizar os textos e servir como ponto de partida, sem pretensões conclusivas, para investigações sobre a relação entre sua obra e o marxismo. A despeito das especificidades do processo social estadunidense, sua obra revela um projeto original e denso de análise das complexas relações entre produção capitalista, processos subjetivos e objetivos de racialização e exploração de classe em formações nacionais construídas originalmente sobre a base do trabalho escravizado, o que, de muitas maneiras, interessa ao(à) pesquisador(a) brasileiro(a).³

O primeiro texto aqui traduzido, “O socialismo e o problema do negro”, foi publicado em 1913, após um curto período, de 1911 a 1912, em que o autor se filiou ao Partido Socialista dos Estados Unidos. À época, a ideia de socialismo para Du Bois era formada essencialmente pela experiência com o movimento socialista nos EUA, com pouco contato com as obras de Marx ou de marxistas. A “questão negra” ou o “problema do negro” eram as expressões que condensavam as preocupações e interrogações a respeito de como seria efetuada a emancipação completa de afro-americanos após a Guerra Civil de 1861 a 1865 e como esse processo, ainda imerso na violência e segregação racistas praticadas em boa parte do país, seria articulado às lutas de todos os trabalhadores por direitos ou

1 Título de um artigo de Frederick Douglass de 1881, a “linha de cor” (ou, em alguns textos, barreira de cor), é um dos conceitos mais usados teórica e politicamente por Du Bois para identificar, na estrutura social moderna capitalista produzida pelo colonialismo e a escravidão transatlântica, a divisão entre grupos sociais racializados e as múltiplas formas de negação de humanidade e exploração a eles vinculadas. Em 1900, Du Bois participa da Primeira Conferência Pan-Africana em Londres e redige o discurso “Às nações do mundo” em que afirma: “o problema do século XX é o problema da linha de cor”.

2 O termo fazia referência à décima parte da população negra que, ao dispor de instrumentos científicos e educacionais, teria uma maior responsabilidade de fomentar processos de mudança social para toda a população.

3 É possível ter acesso a mais de cem mil arquivos (cartas, manuscritos, artigos, livros, discursos, petições, manifestos, imagens etc.) por meio do arquivo digital *W. E. B. Du Bois Papers* da *University of Massachusetts Amherst* (disponível em: <<https://credo.library.umass.edu/view/collection/mums312>>).

pelo socialismo (Adi, 2018a, p. 7). A relutância do movimento socialista, inclusive aqueles vinculados à Segunda Internacional, em enfrentar com vigor e radicalidade a questão racial levou Du Bois a questionar o real compromisso dos socialistas com um projeto real de emancipação de todos os trabalhadores, o que fez por meio de uma retórica incisiva e com apelos fortes à desumanidade provocada, mas relativamente ignorada, pelo racismo.

Nesse texto, Du Bois incita o partido a enfrentar de modo diferente o dilema do socialismo ante o “problema do negro” nos EUA, pois, ao tentar incorporar os trabalhadores do Sul, em que eram fortes os grupos abertamente racistas, o enfrentamento do problema do negro estava sendo contornado e/ou adiado para que esse avanço fosse exitoso. Se, para ganhar o proletariado do Sul, a questão racial fosse suspensa, Du Bois pergunta: valeria a pena lutar pelo socialismo? Como uma teoria que busca a igualdade e o fim da exploração poderia deixar para depois os problemas reais e concretos de quase 10 milhões de seres humanos?

Àquela altura, Du Bois, primeiro homem negro a obter o título de doutor⁴ pela Universidade de Harvard (em História) em 1895,⁵ já havia produzido um conjunto de trabalhos cuja importância para a própria organização do campo acadêmico da Sociologia, segundo Morris (2015) e Itzigsohn e Brown (2020), ainda é subestimada.

Destacam-se, nessa virada de século, *The Philadelphia Negro* (1899), *The Souls of Black Folk* (1903) e diversos estudos sobre comunidades negras nos EUA nos marcos de um programa de investigação sociológica por ele conduzido na Universidade de Atlanta até 1910. *The Philadelphia Negro* é a primeira investigação empírica de sociologia urbana nos EUA. Com mais de cinco mil entrevistas,⁶ o livro abarcou diversas dimensões das experiências vividas relacionadas a mercado de trabalho, saúde, educação, religião e vida familiar.

The Souls of Black Folk, único livro de Du Bois até o momento traduzido e publicado no Brasil,⁷ é uma coletânea de ensaios que combina, de forma singular e original, um modo de produzir conhecimento de longo alcance por meio de relatos narrados em diversas vozes e reflexões autobiográficas. Conceitos como

4 A tese *The Suppression of the African Slave-Trade to the United States of America, 1638-1870* foi publicada em 1896, sendo também o primeiro trabalho da coleção *Harvard Historical Studies Series*.

5 Entre 1892 e 1894, Du Bois realiza um período de estudo e pesquisa na Alemanha, onde tem contato com o círculo de intelectuais reunidos na *Verein für Sozialpolitik*, como Gustav von Schmoller, Adolph Wagner, que foram seus professores, e Max Weber. Weber, por sua vez, ao viajar aos EUA e encontrar Du Bois, organizou a tradução do texto “A questão dos negros nos Estados Unidos” na *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (Hübinger, 2012) e, segundo Itzigsohn e Brown (2020), tentou traduzir e publicar *The Souls of Black Folk* na Alemanha. Du Bois, posteriormente, observa como o antimarxismo de seus professores na Alemanha e nos EUA o impediu de ter uma relação mais direta com as obras de Marx no começo de sua formação intelectual. Como afirma Saman (2020, p.4), foi apenas quando o marxismo se tornou uma questão política, em vez de uma questão teórica, é que Du Bois chegou aos livros de Marx.

6 Conduzidas também por Isabel Eaton, sua assistente de pesquisa, que realizou um estudo pioneiro sobre a inserção da força de trabalho negra no emprego doméstico. Ver Davis (2016) e Deegan (1988).

7 A primeira tradução é de 1999; a segunda, mais recente, de 2021.

de “dupla consciência”, “véu” e “segunda visão” são mobilizados de modo a formar as bases de compreensão de uma fenomenologia da subjetividade negra⁸ com ampla repercussão em outras obras literárias e artísticas, em grandes líderes do movimento antirracista e em diversos trabalhos ao longo de todo século XX.⁹

Merece destaque, como apontam Itzigsohn e Brown (2020), que a proposta de Du Bois continha um programa mais amplo e atento à questão racial que o campo posteriormente liderado pela Escola de Chicago. A compreensão sociológica da interação social em Du Bois exigia apreender os processos de racialização que criam tanto a dupla consciência da experiência dos negros quanto daqueles que, ainda que no polo dominante, são racializados como brancos.

É digno de nota que Robert E. Park, um dos principais formuladores do campo sociológico da Escola de Chicago, foi *ghost writer* e publicista, entre 1905 a 1912, de Booker T. Washington, fundador da *Tuskegee University* e uma das mais influentes lideranças da comunidade negra do período, com quem Du Bois estabeleceu um forte debate e a quem dirigiu críticas pelo viés de conciliação conservadora e de certa complacência com a segregação que seu programa continha.

Essas disputas levam Du Bois a pavimentar caminhos mais radicais para a ação política. Em 1905, colabora na organização do *Niagara Movement*, construído para fomentar a luta pelos direitos civis, políticos e sociais da população negra nos EUA. Em 1909, a iniciativa se expande com a criação da *National Association for Advancement of Colored People* (NAACP), organização civil ativa até os dias de hoje. Em 1910, Du Bois segue para Nova York, onde trabalha como editor da revista da NAACP, chamada *The Crisis*. Na revista, publica textos cobrindo diversas dimensões da luta política e da vida social e cultural da população negra, incluindo a defesa do sufrágio feminino.¹⁰

Foi em decorrência desse processo, e de uma crescente simpatia pelo socialismo, também por influência de outros fundadores da NAACP, que se efetivou sua entrada no Partido Socialista em 1911. Weinan e Kraft (2007) observam que a adesão primeira de Du Bois a princípios socialistas aparece mais em sua obra de ficção do que propriamente nas obras teóricas. Neste mesmo ano, 1911, Du Bois publica o romance *Quest of the Silver Fleece*, em que se destaca não apenas uma crítica socialista à economia capitalista estadunidense, mas um horizonte de

8 A “dupla consciência” busca dar conta de um *self* e uma subjetividade racializadas, o que se expressa num sentimento de duplicidade: por um lado, um mundo negro em que a humanidade é afirmada, por outro, um mundo branco que nega essa humanidade. O “véu” é a metáfora que descreve como a linha de cor surge nas relações interpessoais. Para os negros, oferece uma “segunda visão”, capaz de perceber e criticar o mundo por detrás do véu. O mesmo véu faz com que os brancos, se não reconhecerem e agirem conscientemente contra o supremacismo racial, sejam impedidos de perceber a humanidade do outro (Itzigsohn e Brown, 2020).

9 Uma análise instigante do livro, que abarca sua repercussão mais ampla na cultura política negra moderna, é a realizada por Gilroy (2012).

10 Aspectos abordados no capítulo “Mulheres trabalhadoras, mulheres negras e a história do movimento sufragista” em Davis (2016). Para uma análise do papel de Du Bois em *The Crisis* e como ela interveio na disputa política e cultural mais ampla nesse período, ver Nascimento (2015).

luta pautado pela construção de um modelo alternativo econômico baseado em cooperativas. Wienan e Kraft (2007), assim como Adi (2018b, p.61), também chamam a atenção para a monografia produzida em 1915, *The Negro*, em que Du Bois desenvolve uma crítica à exploração imperialista e sinaliza para uma necessidade de orientação socialista do movimento pan-africano.

Porém, além do descontentamento com a posição do Partido Socialista em relação à “questão do negro”, Du Bois pede sua desfiliação para apoiar publicamente a campanha Woodrow Wilson à presidência em 1912. Até a década de 1920, a afinidade entre Du Bois e o marxismo permaneceu apenas latente (Saman, 2020).¹¹

No contexto conturbado do entreguerras e dos impactos causados pela Revolução Russa de 1917, Du Bois se dedicou à formação de laços transnacionais e à organização dos quatro primeiros Congressos Pan-Africanos entre 1919 e 1927, os quais marcam de maneira profunda, até o fim de sua vida, seu engajamento com a luta anticolonial. De início, ainda se mostrava saliente certa feição “elitista” de algumas de suas posições. Por exemplo, propostas de construção de um território autônomo para o povo negro, em razão da possível dissolução de colônias europeias na África, eram algo concebido menos em termos de movimentos de massa com base popular e mais como o engajamento de uma elite negra de grandes pensadores, que poderia pressionar as grandes potências para ceder em suas posições imperialistas (Adi, 2018b, p.52).

Porém, é nesse mesmo contexto em que se efetiva uma reconfiguração da relação que Du Bois estabelece com o movimento comunista internacional que, sob a liderança de Lênin, apresentou-se como abertamente oposto ao colonialismo: uma das condições para a admissão de partidos comunistas ao Comintern (III Internacional) é a de que “deveriam apoiar – de fato, não apenas em palavras – todo movimento de libertação colonial” (apud Adi, 2018b, p.61). O saldo dessa relação, segundo Adi (2018a; 2018b), foi que o próprio Comintern, em resposta às atividades de lideranças como Du Bois e Marcus Garvey, adotou uma abordagem pan-africanista para a questão da libertação do jugo colonial em que a agência dos próprios africanos e descendentes ocupasse um papel central.

Uma mudança substantiva ocorreu apenas no final da década de 1920. Dois eventos marcam de forma decisiva esse momento: a viagem de Du Bois para a Alemanha e a União Soviética em 1926 e a Grande Depressão nos EUA iniciada pela crise de 1929. Nesta longa viagem de 1926, Du Bois teve contato com uma Alemanha muito distinta da que conhecera no final do século XIX, com uma atmosfera desavergonhada de ambições coloniais e a força da ideologia racista que, anos depois, levaria ao governo nazista. Por outro lado, a experiência pessoal de contato com a URSS acarretou “uma mudança de meu pensamento e minhas ações”, como indicou em sua última autobiografia, publicada postumamente em 1968 (apud Saman, 2020, p.8).

11 Outra teoria que Du Bois afirma ter descoberto de forma tardia, e que se tornou crescentemente importante em sua compreensão do racismo também no nível do inconsciente, foi a de S. Freud.

Duas tendências em curso na URSS chamaram sua atenção em especial: os esforços, inexistentes em outros países, para abolição da pobreza e o caráter que lhe pareceu incontestes das disposições do país em relação ao racismo:

Parece-me que a União Soviética é o único país europeu onde as pessoas não são mais ou menos ensinadas ou encorajadas a desprezar e a se sentir superiores a uma classe, grupo ou raça. Conheço países em que o preconceito de cor apresenta apenas leves manifestações, mas não há país de brancos em que o preconceito de cor esteja completamente ausente. Em Paris, eu atraio a atenção. Em Londres, encontro uma expressão de um vazão elaborado. Em qualquer lugar dos EUA, tudo pode acontecer, desde de eu ser completamente ignorado a provocar curiosidade; frequentemente, o insulto. Em Moscou, passo despercebido. Russos me pedem informações de forma muito natural; mulheres sentam-se a meu lado com confiança e despreocupadamente. Crianças comportam-se uniformemente de maneira cortês. (Du Bois apud Saman, 2020, p.9)

A viagem à URSS é também ressaltada em *Dusk of Dawn*, autobiografia que publicou já tendo ultrapassado os 70 anos, em 1940. Du Bois afirma que nunca foi tão impactado, em toda sua vida até aquele momento, com o que viu e sentiu nos dois meses que viveu em território soviético. Se muitas das descobertas foram “físicas”, ao visitar de fábricas a galerias de arte, do ponto de vista intelectual “vim a conhecer Marx e Lênin, seus críticos e defensores. Desde aquela viagem, minha perspectiva intelectual e o aspecto do mundo nunca mais foram os mesmos” (Du Bois, 2007, p.143).

A perspectiva intelectual de Du Bois não apenas se alterou em razão de uma visão mais otimista a respeito dos princípios do modelo comunista que estava sendo construído na URSS, ou seja, o fato de que esses princípios, segundo o autor, pareciam estar mais adequados aos anseios de uma civilização humana realmente emancipada das formas de opressão e exploração. O impacto mais importante e decisivo, porque afetaria seus laços profissionais constituídos nos EUA, foi o questionamento profundo da esperança liberal em oferecer as mesmas possibilidades. O século XX, segundo Du Bois, teria evidenciado que a moderna empresa capitalista estrangula qualquer governo democrático, sufoca as artes e a literatura e fomenta contradições econômicas que provocam períodos de intensas convulsões sociais (Du Bois, 2007, p.144).

Ora, reconhecer a incapacidade de o liberalismo dar respostas efetivas a esses problemas incontornáveis era, ao mesmo tempo, reconhecer que a organização em que atuara desde 1910, a NAACP, não poderia mais servir de instrumento eficaz de luta política se não reformulasse completamente seu programa. O diagnóstico desse impasse é narrado em muitos detalhes em *Dusk of Dawn*: a NAACP havia feito, até os anos de 1930, um dos esforços mais notáveis do liberalismo para alcançar a emancipação dos negros, e muito havia sido conquistado em termos de direitos

civis e políticos. Porém, a forma global da organização capitalista do trabalho e do comércio impunha uma barreira objetiva para a continuidade desse projeto.

Em trabalho recente, Douglas (2019) vai além e mostra como essa desilusão liberal ganha contornos cada vez maiores ao atingir a própria noção de “sociedade competitiva” preconizada pelo liberalismo como motor da eficiência e de desigualdades “justas”, o que ocorreria quando o sistema econômico recompensa diferencialmente os esforços e habilidades de cada indivíduo. Era contra todo o constructo ideológico, que se eleva sobre essa base da pretensa “competição”, que a crítica de Du Bois irá se dirigir cada vez mais. A luta contra a opressão racial não poderia ser efetivada até o fim numa sociedade que legitima um espaço amoral de competição e mantém seu poder ao prometer o “sonho individual da riqueza” à maioria que permanecerá explorada por toda a vida. O objetivo, tal como o socialismo preconizava, deveria ser o da socialização da produção e da riqueza. As inclinações programáticas de Du Bois tornam-se, com o tempo, cada vez mais distantes do pendor liberal, ainda que progressista, da NAACP.

É nesse contexto, potencializado pela grave crise econômica por que passa todo o país, que são publicados em *The Crisis* o segundo e o terceiro textos aqui traduzidos, “Karl Marx e o negro” e “O marxismo e o problema do negro”, nos números de março e maio de 1933. Ambos trazem algo como um aviso teórico e político em comum: a indiferença ou a negação de Marx e da teoria marxista não contribuem à luta contra a opressão racial nos EUA, pois haveria nessa teoria um avanço a respeito da compreensão científica do capitalismo que ultrapassa as promessas irrealizáveis do liberalismo hegemônico. Neste ano, Du Bois havia aceitado retornar à Universidade de Atlanta numa posição temporária de professor visitante. Se, em sua formação acadêmica inicial, as referências a Marx eram superficiais e escassas, ao retornar à docência em Atlanta ele optou por oferecer o curso “Karl Marx e o problema do negro”, no intuito de explorar “a aplicação do marxismo ao problema do negro nos EUA” (Saman, 2020, p.10).

“Karl Marx e o negro” é essencialmente composto por um material já apresentado na seção Documentos do n.45 de *Crítica Marxista*, a saber, cartas e textos de Marx e Engels sobre a Guerra Civil nos EUA. O interessante é notar justamente o novo contexto em que essas ideias irão circular, agora apresentadas pela principal referência intelectual da luta antirracista nos EUA de então e num meio de comunicação diretamente voltado à população negra do país.¹² O estilo do texto chama a atenção: é construído como uma peça jurídica em que as cartas de Marx aparecem como provas de um processo em que sua irrestrita identificação com o

12 Os textos de Marx e Engels sobre a Guerra Civil foram pela primeira vez discutidos por Hermann Schlüter em *Lincoln, Labor and Slavery* em 1913. Um ano depois do artigo de Du Bois, em 1934, Bertram Wolfe também os analisa em *Marx and America*. Em 1937, a editora do Partido Comunista dos EUA publica a coletânea completa dos escritos de Marx e Engels sobre o tema em *The Civil War in The United States*. Poucos anos depois, C. R. L James parte dos mesmos escritos para enfatizar a luta dos negros no período, como no artigo de 1943 chamado “Negroes in the Civil War: Their Role in The Second American Revolution” (Anderson, 2019, p.138-141).

movimento abolicionista quer ser comprovada. Du Bois indica como Marx havia entendido que a camada mais profunda e decisiva que levou à secessão temporária do país deveria ser encontrada nas forças contraditórias, ainda que articuladas, que se valiam do trabalho escravizado. Enfim, o grande mentor do socialismo científico não havia contornado o problema do negro e alertava que a emancipação civil não levaria, automaticamente, à emancipação econômica da população segregada e explorada pela persistência da discriminação de cor. Se os negros nos EUA quisessem encontrar uma maneira de construir, por suas próprias mãos, sua emancipação mais ampla, Du Bois recomendava que eles deveriam conhecer o que Marx julgou pertinente aos trabalhadores de todo o mundo.¹³

Porém, Du Bois reconhecia que essa teoria carecia ainda de instrumentos analíticos capazes de explicar a realização histórica do capitalismo nos EUA e de como a “linha de cor” articulava-se à exploração de classe. Essa dimensão relativa à complexidade de um processo histórico como o dos EUA, que exigia a elaboração de novas análises e novas formas de luta, é desenvolvida em “O marxismo e o problema do negro”.

Os processos de racialização de brancos e negros ensejavam uma barreira objetiva e subjetiva que, entre outras consequências, impedira e continuava a dificultar a união entre todos os trabalhadores. Socialistas e comunistas que apostassem num movimento de luta conjunta, sem fazer as mediações necessárias à experiência de países como os EUA, acabavam por ignorar os mecanismos internos que faziam a barreira de cor se sobrepor à barreira de classe. O preconceito e a discriminação existentes entre trabalhadores brancos teriam razões mais profundas e objetivas, pois a “desqualificação competitiva” do outro racializado como negro provocava um efeito duplo: garantia privilégios de acesso a postos de trabalho e pequena propriedade e fomentaria com mais vigor, no trabalhador branco, a ideologia capitalista dominante, que prometia portas abertas à ascensão individual pelo esforço do trabalho, ideologia que tendia a ganhar algum lastro material justamente quando realizada “sobre as costas do trabalhador negro”.¹⁴

Esses argumentos serão ampliados, desenvolvidos e articulados em sua obra máxima, publicada em 1935 e ainda sem tradução ao português: *The Black Reconstruction: Toward a History of the Part Which Black Folk Played in the Attempt to Reconstruct Democracy in America, 1860-1880*. O livro pode ser considerado uma das maiores contribuições já produzidas em termos de análise materialista da forma pela qual o modo de produção capitalista realiza-se historicamente em

13 Na mesma edição de março de 1933, o artigo “A casta de cor nos Estados Unidos” descrevia inúmeros processos oficiais, situações e legislações que atestavam a condição ainda profundamente segregada dos negros nos EUA.

14 A noção de “salário público ou psicológico”, utilizada e desenvolvida posteriormente por outras autores/as, como Davis (2016), Haider (2020) e Roediger (2007), é referida em *The Black Reconstruction* às diversas formas subjetivas e objetivas de privação de direitos, para os negros, e criação de privilégios, para os brancos, mesmo que esses sejam também trabalhadores pobres (Du Bois, 1998, p.700-701).

condições distintas daquelas existentes em formações europeias. Embora a fortuna crítica do livro seja extensa e abarque críticas quanto ao uso de conceitos marxistas, *Black Reconstruction* oferece um quadro original, extremamente rico e instigante de como uma estrutura econômica se produz e reproduz pelas ações complexas dos agentes sociais em disputa e, mais do que isso, como foi a resistência do trabalhador negro – mesmo na condição de escravizado – que forneceu as bases para conquistas políticas e sociais para os trabalhadores de todo o país (da garantia do sufrágio a escolas públicas). Contudo, Du Bois argumenta que o racismo dos brancos minou os esforços de emancipação e reduziu os ganhos que poderiam ser revertidos a todos os trabalhadores.¹⁵ As formas de segregação, privação de direitos e de violência do Estado e de grupos supremacistas brancos contra a população negra permaneceram ao longo do tempo, sendo apenas atenuadas juridicamente após 1964, com a revogação das chamadas leis Jim Crow.

No aviso aos leitores que introduz o livro, Du Bois já sinalizava para o enfrentamento de uma historiografia, hegemônica por autores brancos conservadores, que caracterizava o período da Reconstrução sobretudo no registro pessimista da destruição, do autoritarismo do Norte sobre a população do Sul e na inaptidão dos negros em integrar a sociedade:

Aos leitores. A história do transplante de milhões de africanos para o novo mundo e de sua escravidão por quatro séculos é uma história fascinante. Particularmente interessante para estudantes da cultura humana é a repentina libertação desses povos negros no século XIX e a tentativa, por meio deles, de reconstruir as bases da democracia americana de 1860 a 1880. Este livro procura contar e interpretar esses vinte anos de uma história fatídica com atenção especial aos esforços e às experiências dos próprios negros. (Du Bois, 1998, p.xix)

Essa força conservadora constitutiva do projeto nacional estadunidense, somada à desilusão em relação às promessas liberais progressistas, fez com que Du Bois se tornasse cada vez mais cético quanto à possibilidade de superação da segregação imposta pelos brancos. Já em 1933, começa a abordar o tema em linha contrária às perspectivas da NAACP. Em 1934, publica vários editoriais em defesa da autosegregação voluntária dos negros como forma de resistência e

15 “Uma nova escravidão surgiu. O movimento ascendente dos trabalhadores brancos foi traído por guerras por lucro baseadas em castas de cor. A democracia morreu, salvo no coração do povo negro. De fato, a situação deplorável da classe trabalhadora branca ao redor do mundo hoje está diretamente ligada à escravidão do negro na América, sob a qual o comércio e a indústria modernos foram fundados, e que persistiu ameaçando os trabalhadores livres até ser parcialmente derrubada em 1863. As castas raciais resultantes, fundadas e mantidas pelo capitalismo, foram adotadas, aprovadas e levadas adiante pelos trabalhadores brancos e resultaram na subordinação dos trabalhadores de cor ao lucro dos brancos mundo afora. Portanto, a maioria dos trabalhadores do mundo, por insistência dos trabalhadores brancos, se tornou a base de um sistema industrial que arruinou a democracia e exibiu seus belos frutos na Guerra Mundial e na Depressão. Este livro procura contar essa história” (Du Bois, 1998, p.30).

possibilidade de criação de meios alternativos de vida, o que o leva a se desligar da revista em que atuou por mais de vinte anos.

Em *Dusk of Dawn*, Du Bois justifica a defesa da autossegregação em termos de uma consequência inevitável imposta pela existência da linha de cor: se a cor é uma barreira, a resistência do grupo oprimido precisaria ser feita de forma correspondente. É importante também perceber como a ascensão do nazismo, violentamente atacando outro grupo social diaspórico, os judeus, foi visto por Du Bois como um sinal de alerta.¹⁶ Ocorre que essa posição de autossegregação não explicava, por completo, o caráter controverso e radical de sua linha. Foi também por estar fundamentada num projeto mais amplo de construir formas de produção cooperativa para a população negra, pela defesa da posse e do controle comum dos meios de produção, da busca da maior igualdade em termos de renda e pela recusa das promessas de riqueza individual da “sociedade competitiva capitalista”, enfim, foi por reivindicar um tipo de socialismo que sua luta por uma mudança de programa foi mais duramente rechaçada.¹⁷

Também nesta autobiografia de 1940, Du Bois oferece uma autoavaliação de sua relação com Marx e o comunismo. Ao comentar as dificuldades enfrentadas com a NAACP, afirma que não havia sido e ainda não se considerava como um comunista (Du Bois, 2007, p.151). A principal alegação que sustentava essa posição era aquela já anunciada de certa maneira nos artigos de 1933 em *The Crisis*: Du Bois não considerava haver um caminho único para a transformação social e mantinha grande resistência em aceitar que um conflito armado e a violência pudessem levar à correção dos problemas econômicos. Porém, sobre Marx, afirmou:

Eu acreditava e ainda acredito que Karl Marx foi um dos maiores homens dos tempos modernos e que ele apontou o dedo diretamente sobre nossas dificuldades quando disse que os fundamentos econômicos, a maneira como os homens ganham sua vida, são os fatores determinantes do desenvolvimento da civilização, da literatura, da religião e do padrão básico de cultura. E, sobre essa convicção, ou eu a expressava ou morreria espiritualmente. (Du Bois, 2007, p.151)

Em 1935, em carta a George Streater, se expressou da seguinte maneira:

16 “Há dez anos, não era provável que judeus fossem expulsos da Alemanha”. Embora Du Bois admitisse que os casos fossem certamente distintos – os negros, entre outras dimensões, seriam úteis enquanto força de trabalho mal remunerada – a ascensão do chauvinismo branco e o aprimoramento da consciência autônoma e cidadã dos negros nos EUA poderiam mudar a situação e fazer com que “sejamos expulsos dos EUA assim como os judeus foram expulsos da Alemanha” (Du Bois, 2007, p.152).

17 “O que mais me chocou é que essa reação [à questão] econômica foi vocalizada ainda mais pelos membros de cor do que pelos brancos do Conselho de Direção [da NAACP]. Pode-se entender por que um branco liberal rico deve suspeitar de uma mudança econômica de base, mas o que era mais difícil para mim era entender por que os homens negros mais jovens e prósperos, profissionais, comerciantes e investidores, estavam agarrados a velhas ideias sobre propriedade, controle e lucros de forma muito mais resistente do que os brancos. O mundo liberal branco via a mudança por vir a despeito de seu desejo. A *upper class* de cor não a antecipava ou não a compreendia” (Du Bois, 2007, p.155-156).

Eu acredito em Karl Marx. Sou um oponente declarado da moderna exploração capitalista do trabalho. Eu acredito no triunfo final do socialismo em um tempo razoável e, por socialismo, entendo a propriedade do capital e das máquinas pelo Estado e a igualdade de renda. Mas, eu não acredito na inspiração verbal das escrituras marxistas.

Em primeiro lugar, não acredito que Marx tenha dito que, em todas as circunstâncias e em todos os momentos, uma revolução violenta é necessária para derrubar o poder dos capitalistas. Mesmo que ele tenha dito isso, não acredito que seja essa a verdade, e não estou interessado em elaborar um sistema dogmático perfeito em consonância com a linha marxista do hegelianismo. O que eu quero é uma abordagem realista e prática de um Estado democrático em que a exploração do trabalho seja interrompida e o poder político esteja nas mãos dos trabalhadores. (Du Bois apud Saman, 2020, p.15-16)

Após sua saída de *The Crisis*, Du Bois desenvolve uma nova série de projetos de pesquisa sobre a vida social dos negros nos EUA. Em 1944, é forçado, pela direção da universidade, a se aposentar da Universidade de Atlanta. Em 1948, com o acirramento das tensões com a diretoria, também é desligado da NAACP. Com sua intensa participação em movimentos pelos direitos civis, pelo pacifismo (preside a organização contra o armamentismo nuclear chamada *Peace Information Center*) e pela defesa de militantes acossados pelo anticomunismo macarthista, começa a sofrer represálias do governo.

Integra a iniciativa chamada *Civil Rights Congress* que, sob a direção de Willian Patterson, liderança comunista, apresenta uma petição às Nações Unidas, em 1951, denunciando o genocídio praticado contra a população negra nos EUA: *We Charge Genocide: The Crime of the Government Against the Negro People*.¹⁸

Em 1952, ao se recusar a assinar uma espécie de juramento de que não seria membro do Partido Comunista dos EUA,¹⁹ o Departamento de Estado nega a expedição de seu passaporte, o que inviabiliza convites de viagens à China, em 1956, e à celebração da independência de Gana em 1957. Ao reconquistar, via autorização da Suprema Corte, o direito a seu passaporte, realiza longas viagens à Europa, China, URSS e África. Em 1959, recebe o *Prêmio Internacional Lênin*.

18 Ainda antes de sair da NAACP, Du Bois e vários coautores produzem em 1947 uma petição, dirigida à Comissão de Direitos Humanos da ONU, chamada *Um apelo ao mundo: uma declaração sobre a negação dos direitos humanos às minorias no caso de cidadãos de descendência negra nos Estados Unidos da América e um apelo às Nações Unidas por reparação*. Nela, dirigem-se aos “povos de todo o mundo”: “nós, negros americanos, apelamos a vocês; nosso tratamento na América não é apenas uma questão interna dos Estados Unidos. É um problema básico da humanidade”. E também adverte: “não é a Rússia que ameaça os Estados Unidos, mas, sim, o Mississippi; não é Stálin ou Molotov, mas [os senadores racistas de Mississippi] Bilbo e Rankin” (apud Berg, 2007, p.82-83).

19 Comunistas estadunidenses estavam sendo perseguidos pela acusação de “conspirar contra o governo dos EUA”. A perseguição atingiu Du Bois de maneira mais forte em 1951. Em sua defesa, compareceu ao julgamento, com a saúde já bem debilitada, o cientista Albert Einstein, o que contribui diretamente para o indeferimento da acusação.

O quarto e último texto aqui traduzido é, em verdade, uma carta. Foi dirigida ao secretário geral do CPUSA, Gus Hall, no dia 1º de outubro de 1961, dias antes de seu autoexílio em Gana. Este é um documento importante para ser lido à luz de discussões mais amplas dos encontros e desencontros do autor com o movimento comunista. Muitas análises subestimam o pedido de filiação, por considerar que se tratava apenas de uma reação muito contextual e episódica de desagravo ao imperialismo anticomunista estadunidense²⁰ ou que a valorização desse ato político de Du Bois diminuiria a originalidade de sua obra e a autonomia de suas posições políticas.²¹

A escolha por incluir esta carta não visa sugerir que seja um documento conclusivo sobre essa questão. O intuito é ampliar as discussões e informações sobre a relação entre teoria e política na longa trajetória de vida de Du Bois e, de certa forma, reverter um desejo da direita liberal dos EUA, tão bem representada pelo editorial do *Wall Street Journal* de 4 de novembro de 1963: “é preciso esquecer os últimos anos de vida de Du Bois” (apud Marable, 2005).

A convite de Kwame Nkrumah, líder do pan-africanismo socialista e da independência de Gana, primeiro país a se libertar do jugo colonial britânico (deposto posteriormente por um golpe em 1966), Du Bois segue para Accra, onde recebe a cidadania ganense e se dedica a retomar o projeto, esboçado no início do século, da Enciclopédia Africana.

Na véspera da grande Marcha de Washington por Trabalho e Liberdade em 1963, Du Bois envia um telegrama com uma mensagem de apoio a Martin Luther King e aos manifestantes. Naquela noite de 27 de agosto, morre aos 95 anos, sendo enterrado com honras de Estado em solo africano, mas sem a presença de nenhuma autoridade oficial dos Estados Unidos. Ao seu país de origem, após listar dez objetivos a serem perseguidos pelos comunistas, deixou um último recado na carta de filiação ao CPUSA: “nenhuma nação pode se considerar livre se não permitir que seus cidadãos trabalhem para esses fins”.

Referências bibliográficas

- ADI, H. *Pan-africanism: A History*. Londron: Bloomsbury, 2018a.
_____. *Panafricanismo y comunismo. La Internacional Comunista, África y la diáspora (1919-1939)*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2018b.
- ANDERSON, K. B. *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

20 O pedido de Du Bois foi feito no momento em que o partido sofria penalidades de 10.000 dólares por dia por não conseguir o registro de acordo com a Lei de Segurança Interna de 1950. As penalidades também incidiam sobre diretores e militantes que, se não lograssem o registro devido, estariam sujeitos a uma multa semelhante e a cinco anos de prisão (Peter Kihss, *The New York Times*, 23 nov. 1961).

21 Importante, nesse sentido, acompanhar as discussões sobre o legado da obra e vida de Du Bois em Marable (1986; 2005), Robinson (2000) e Rabaka (2009) e os premiados volumes de sua biografia produzida por Lewis (1993; 2001).

- BERG, M. Black Civil Rights and Liberal Anticommunism: The NAACP in the Early Cold War. *The Journal of American History*, v.94, n.1, 2007, p.75-96.
- DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DEEEGAN, M. J. W.E.B. Du Bois and the women of hull-house, 1895-1899. *The American Sociologist*, v.19, p.301-311, 1988.
- DOUGLAS, A. J. *W. E. B. Du Bois and the Critique of the Competitive Society*. Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 2019.
- DU BOIS, W. E. B. *Dusk of Dawn: An Essay Toward an Autobiography of a Race Concept*. Oxford University Press, 2007.
- _____. *The Black Reconstruction in America, 1860-1880*. New York: The Free Press, 1998.
- _____. *As almas da gente negra*. Trad. Heloísa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.
- _____. *As almas do povo negro*. Trad. Alexandre Boide. São Paulo: Veneta, 2021.
- GILROY, P. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, 2012.
- HAIDER, A. *Armadilha da identidade: raça e classe nos dias de hoje*. São Paulo: Veneta, 2020.
- HÜBINGER, G. Max Weber e a história cultural da modernidade. *Tempo Social*, v.24, n.1, p.119-136, 2012.
- ITZIGSOHN, J.; BROWN, K. *The Sociology of W.E.B. Du Bois: racialized modernity and the global color line*. New York: New York University Press, 2020.
- LEWIS, D. L. *W. E. B. Du Bois: Biography of a Race, 1868-1919*. New York: Henry Holt and Company, 1993.
- _____. *W. E. B. Du Bois, 1919-1963: The Fight for Equality and the American Century*. New York: Henry Holt and Company, 2001.
- MARABLE, M. *W.E.B. Du Bois: Black Radical Democrat*. Boston: Twayne/G.K. Hall Publishers, 1986.
- _____. *Reconstructing the Radical Du Bois. Souls: A Critical Journal of Black Politics*, v.7, n.3-4, p.1-25, 2005.
- MORRIS, A. *The Scholar Denied: W. E. B. Du Bois and the Birth of Modern Sociology*. Los Angeles: University of California Press, 2015.
- NASCIMENTO, C. A. S. *Representando o “novo” negro norte-americano: W. E. B. Du Bois e a revista The Crisis, 1919-1920*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- RABAKA, R. *Africana Critical Theory: Reconstructing the Black Radical Tradition, from W.E.B. Du Bois and C.L.R. James to Frantz Fanon and Amílcar Cabral*. Plymouth: Lexington Books, 2009.
- RAMPERSAD, A. *The Art and Imagination of W. E. B. Du Bois*. New York: Schocken Books, 1990.
- ROBINSON, C. J. *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition*. The University of North Carolina Press, 2000 [1.ed., London: Zed Press, 1983].
- ROEDIGER, D. *The Wages of Whiteness Race and the Making of the American Working Class*. London: Verso, 2007.
- SAMAN, M. Du Bois and Marx, Du Bois and Marxism. *Du Bois Review: Social Science Research on Race*. First View, p.1-22, 2020.
- WIENEN, M. V.; KRAFT, J. How the Socialism of W. E. B. Du Bois Still Matters: Black Socialism in *The Quest of the Silver Fleece* – and beyond. *African American Review*, v.41, n.1, p.67-85, 2007.